

Mancala, instrumento mediador no ensino de História do Egito: valorização da cultura Africana e Afrodescendente

Educação Etnicorracial “ERER”

ANA PAULA OLIVEIRA

NAIARA SALVATIERRI*

Resumo

Buscando conciliar Ensino de História com educação etnicorracial desenvolvemos uma sequência no quinto ano do E.F., tendo como principal elemento mediador, do ensino/aprendizagem, o jogo Mancala. Este jogo que tem sua origem em sociedades agrícolas africanas, nos permitiu trabalhar com a sociedade egípcia da antiguidade valorizando aspectos culturais africanos. Trabalhamos de forma interdisciplinar com conteúdos de artes, matemática e história. A partir daí trabalhamos símbolos egípcios e mapas do período. A familiarização de nossos alunos com a Mancala buscou estimular o crescimento da autoestima de negro(a)s inferiorizados no ambiente escolar, através da valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Palavras chave: Jogo de Mancala, Educação Etnicorracial, Ensino de História e Interdisciplinaridade.

Introdução

Em 2011 demos início ao trabalho com educação etnicorracial, na escola João Dantas Filgueiras, escola estadual da periferia de Três Lagoas, trabalho este gerido por alunos estagiários e orientado pelo Prof. Dr. Lourival dos Santos da UFMS. Trabalhando com a vertente etnicorracial junto com ensino buscamos, amparados pelas leis 10.639/2003 e 11.645/08, valorizar a cultura africana e afrodescendente além de diminuir o preconceito racial existente dentro do ambiente escolar.

* OLIVEIRA, Ana P. M. F. de. E SALVATIERRE, Naiara. Acadêmicas do curso de História da UFMS, Câmpus de Três Lagoas. Trabalho orientado pelo Prof^o Dr. Lourival dos Santos, com financiamento PIBID/CAPES.

Em 2012 o chamado projeto ERER¹ foi agregado ao PIBID (Programa Institucional Brasileiro de Iniciação a Docência), da UFMS/CPTL, que agora passou a ser gerido com a participação de pibidianos. Além de valorizar a cultura afro o projeto passou a enfatizar também a Formação de Professores e o Ensino de História, juntamente com o PIBID, através de grupos de estudo, sobre questões etnicorraciais e educação, reflexões sobre a prática do professor, reuniões periódicas com orientadores e corpo docente da escola.

Buscando conciliar o Ensino de História e a Educação Etnicorracial é que desenvolvemos uma sequencia didática², que foi em 2012 trabalhada com o quinto ano do E.F., tendo como o principal elemento mediador³, do ensino/aprendizagem, o jogo Mancala (instrumento mediador).

O instrumento, de acordo com Vygotsky, é o elemento mediador que age entre o sujeito e o objeto do seu trabalho, com a função de ampliar as possibilidades de transformação da natureza, ou seja, ele é criado ou usado para se alcançar um determinado objetivo. Ele é, então, um objeto social e mediador da relação do indivíduo com o mundo. (Richit, pg4)

Jogo Mancala

O Jogo Mancala também é chamado de jogos de sementes ou jogos de contagem e captura.

Este é um jogo com profundas raízes filosóficas. É jogado habitualmente, com pequenas pedras ou sementes. A movimentação de peças tem um sentido de “semeaduras” e “colheita”. Cada jogador é obrigado a recolher sementes (que neste momento não pertence a nenhum dos jogadores) depositadas numa “casa” e com elas semear suas casas do tabuleiro, bem como as casas do adversário. Seguindo as regras, em dado momento o jogador faz a “colheita” de sementes que passam a ser suas. Ganha quem obtiver mais sementes, ao final do jogo. (Souza, 2008, pg.14)

Este jogo que é originário de sociedades agrícolas africanas nos permitiu trabalhar um período histórico e características específicas de uma sociedade do

¹ Educação para as Relações Etnicorraciais

² Trabalhamos com o conceito de Sequencia Didática de Antoni ZABALA.

³ Segundo Vygotsky existem dois tipos de elementos mediadores no processo de Ensino/Aprendizagem, são eles o instrumento e o signo.

continente, no caso sociedade egípcia do oriente próximo, que por estar situada as margens do Rio Nilo era forte quanto a produção agrícola. A partir daí pudemos trabalhar símbolos egípcios, mapas do período e um pouco da religião dos mesmos.

Apesar de toda a “bagagem” histórico/cultural africana que temos em nossa sociedade, não a vemos valorizada no mesmo meio. Segundo Andrade que orgulho tem a criança negra quando busca na memória a história do seu povo?

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana (Andrade, 2008, pg117)

Crianças crescem vendo a supervalorização do branco europeu nos livros didáticos e a desapareção ou a diminuição da importância do papel do negro, indígena na sociedade, na história e na contemporaneidade.

No livro didático a humanidade e a cidadania, na maioria das vezes, são representadas pelo homem branco e de classe média. A mulher, o negro, os povos indígenas, entre outros, são descritos pela cor da pele ou pelo gênero, para registrar sua existência. (Silva, 2005, pg.21)

Buscamos através da familiarização de nossos alunos com a Mancala valorizar aspectos importantes da cultura africana que perduram fortemente na nossa sociedade até os dias atuais de forma marcante e determinante. Assim como Lima ressalta em seu texto “Buscando caminhos nas tradições”;

A população afro-descendente no Brasil tem características culturais muito marcantes, que precisam ser mais estudadas e entendidas já que a contribuição dos inúmeros países africanos é muito significativa para todos os setores da vida brasileira, quer se relacione à linguagem, à vida familiar, ao sistema simbólico, à comunidade religiosa, à produção do saber (Ciência) ou à transmissão do saber (Educação). (Lima, 2008, pg.83)

Nessa sequência além de trabalhar com aspectos de sociedades históricas tentamos promover a interdisciplinaridade entre Matemática, Artes e História, desconstruindo assim a visão greco/romana eurocêntrica dos currículos escolares

que ainda persistem em separar, em “caixas”, todas as matérias como se elas não se relacionassem em momento algum.

Construindo a sequência, juntamente com nosso orientador, propusemos atividades diagnósticas no início e no fim, da sequência, estas que seriam comparativas, para que soubéssemos a partir delas se houve ou não mudanças quanto ao pensamento étnico e histórico das crianças. Aplicamos questionários etnicorraciais também duas vezes com o mesmo propósito.

Semana da Consciência Negra

A luta pela liberdade dos negros brasileiros jamais cessou. Em 1971, um significativo capítulo de nossa história vinha à tona pela ação de homens e mulheres do Grupo Palmares. Lá do Rio Grande do Sul era revelada a data do assassinato de Zumbi, um dos ícones da República de Palmares. Passados sete anos, ativistas negros reunidos em congresso do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial cunharam o 20 de novembro como Dia da Consciência Negra (Matilde Ribeiro, Ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial).

A escola parceira, na semana do dia 20 de Novembro (Dia da Consciência Negra), promove a chamada Semana da Consciência Negra. Nessa semana os alunos dos vários anos montam, nas salas apresentações de trabalhos desenvolvidos durante o ano letivo a cerca da temática, buscando a valorização da cultura afro na comunidade através de conteúdos escolares, e apresentam para toda a escola e membros da comunidade (bairros em volta).

Tivemos como exemplo de apresentação dos alunos, em 2012, danças africanas trabalhadas durante o ano nas aulas de Educação Física e apresentadas no dia da comemoração, além de máscaras características trabalhadas nas aulas de Artes.

A partir dessa semana é que definimos nosso produto final da sequência. Propusemos em aula a montagem, feita pelos alunos, de uma sala, em que os próprios, ensinassem Mancala para o restante da escola, e da comunidade,

valorizando assim o aluno e dando-lhe um papel de destaque, além de ensinar a origem do jogo e suas funcionalidades do período.

A quebra de métodos do ensino tradicional é o desafio do novo século, e vem aderindo novos adeptos. Esta quebra consiste em uma valorização do aluno, sendo detentores de ideias e capazes de obterem suas próprias conclusões. Tradicionalmente o estudante vem sendo somente um “depositário” de informações, memorizando e repetindo conteúdos/ideias (FREIRE, 2012, pg).

Contamos com a total participação dos alunos no dia em que expuseram seu trabalho a escola, valendo ressaltar aqui que os alunos não eram obrigados a participar desse dia. As crianças assumiram o papel de protagonistas na sala temática montada para o dia da consciência negra na escola, ensinando colegas de todas as idades a jogarem.

Referencial teórico

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 41ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MUNANGA, Kabengele; organizador. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisado- [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. SILVA, Ana Célia da. **A desconstrução da discriminação no livro didático**.

MUNANGA, Kabengele; organizador. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisado- [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. **Construindo a Auto estima da criança negra**. Pg117.

MUNANGA, Kabengele; organizador. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisado- [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. THEODORO, Helena. **Buscando Caminhos nas Tradições**. pg83.

RIBEIRO, Matilde. Ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

RICHIT, Adriana. Implicações da teoria de Vygotsky aos processos de aprendizagem e desenvolvimento em ambientes mediadores pelo computador.

Artigo publicado em 2004.

SANTOS, Celso José dos. Jogos africanos e a educação matemática: semeando com a família mancala. Tese UEM/Maringá 2008.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998
Maria Angélica Cardoso.